

PROCESSOS DE SUBJETIVAÇÃO À LUZ DA TEORIA HISTÓRICO-CULTURAL: UM ENSAIO TEÓRICO¹

Michell Pedruzzi Mendes Araújo
michellpedruzzi@ufg.br
<http://lattes.cnpq.br/6141634183456644>

Sabrina da Silva Machado Trento
machadosasa1980@gmail.com
<http://lattes.cnpq.br/8078949139509480>

Rogério Drago
rogerio.drago@gmail.com
<http://lattes.cnpq.br/8595961404664412>

RESUMO

Este texto, de caráter ensaístico, tem o objetivo de abordar a subjetividade a partir dos pressupostos da teoria histórico-cultural de Vigotski (1993; 1995; 1996; 1999; 2000; 2001; 2018) e colaboradores. Trata-se de um estudo bibliográfico, de abordagem qualitativa. A partir da leitura aprofundada dos trabalhos que constituíram o *corpus* de análise deste texto, pode-se inferir que estudar a constituição subjetiva em Vigotski requer um olhar sensível sobre o indivíduo, que é único em sua constituição identitária e subjetiva, porém sem desconsiderar a coletividade, ou seja, deve-se compreender um sujeito a partir das relações alteritárias e dialógicas que ele mantém em seu contexto sociocultural.

Palavras-chave: subjetividade; teoria histórico-cultural; relações alteritárias

Considerações iniciais

Neste ensaio teórico, abordaremos os processos de subjetivação do ser humano, a partir da perspectiva histórico-cultural de Vigotski, de seus colaboradores e de pesquisadores atuais.

É fundamental destacar que compreendemos a subjetividade em conformidade com González Rey (2004, p. 141), quando afirma que “a subjetividade é um sistema complexo que tem dois espaços de constituição permanente e inter-relacionados: o individual e o social, que se constituem de forma recíproca e, ao mesmo tempo, cada um está constituído pelo outro”. Dessa maneira, é impossível a separação entre os processos

¹ Este artigo é parte de um estudo maior publicado no livro *Vigotski teoria e prática / organização Rogério Drago, Lívia Vares da Silveira Braga; autores Dirlan de Oliveira Machado Bravo... [et al.]*. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2020.

sociais, nos quais se produzem a ação individual e os processos psíquicos individuais que são constituintes dessa mesma ação (GONZÁLEZ REY, 2004).

A natureza deste estudo é qualitativa e configura-se com um estudo bibliográfico, tendo como foco analítico as obras de Vigotski e de colaboradores que trazem em seu bojo a compreensão da subjetividade a partir da perspectiva histórico-cultural.

A subjetividade na obra de Vigotski e de seus colaboradores

Nesta seção, traremos à tona alguns escritos de Vigotski e de seus colaboradores, Leontiev (1976) e Luria² (1996), e algumas contribuições de autores tais como González Rey (2002; 2003; 2004), Drago (2018), Silva (2009), Molon (2011), Pino (2005), Rego (2010), Rossetto e Brabo (2009), dentre outros, que escolhem a perspectiva histórico-cultural para compreender os processos de subjetivação do *Homo sapiens*.

Para iniciar o nosso diálogo, analisaremos esta “máxima” de Vigotski:

Existe, no círculo de tempo que se completa a cada dia, na cadeia infinita de horas de luz e de escuro, uma fronteira entre a luz e o dia muito difícil de perceber. Antes do nascer do Sol, há uma hora em que a manhã já chegou, mas a noite ainda continua a existir. Não há nada mais misterioso e ininteligível, intrigante e sombrio, do que essa transição da noite para o dia. A manhã veio- mas ainda é noite: a manhã fica como que incorporada na noite que ainda está em volta, ela nada nesta noite. Nesta hora, que pode durar apenas uma fração de segundo, tudo, todos, os objetos e pessoas, têm algo como duas existências diferentes ou uma única existência desunida, noturna e diurna, na manhã e na noite (VIGOTSKI, 1999, p. 356-357).

Esta citação de Vigotski, muito profícua, nos inspira a compreender a subjetividade. Como podemos saber que o ser humano já “formou” a sua subjetividade? Afinal, o que é a subjetividade? O que determina a formação da subjetividade humana, ou seja, que fatores medeiam a aquisição de processos subjetivos?

Todas as indagações supracitadas não apresentam respostas prontas e objetivas, porém podem ser analisadas sob a perspectiva histórico-cultural de Vigotski e de seus

² Utilizamos a obra “Estudos sobre a história do comportamento: o macaco, o primitivo e a criança” (1996) que Luria escreveu com Vigotski.

colaboradores, e a própria citação do autor nos possibilita iniciar a análise. Em uma fração de segundos, a subjetividade se concretiza, ou seja, se manifesta no sujeito. Esta fronteira é muito difícil de perceber, é intrigante, está à penumbra. Isto se a analisarmos individualmente, sem o informe verbal da pessoa, mas se considerarmos o contexto social e cultural, os outros e as relações dialógicas, a manhã vem para clarear o processo de compreensão da subjetividade do “eu”.

Na tentativa de responder algumas indagações anteriores, cabe fazer algumas inferências. Ao analisarmos a subjetividade a partir da perspectiva histórico-cultural, consideramos que o ser humano possui sua natureza orgânica, portanto biológica, o que corresponde às suas funções psicológicas inferiores. No entanto, por meio da mediação semiótica e da mediação por meio dos outros seres humanos, ou seja, por meio da natureza social, as funções psicológicas superiores são desenvolvidas e possibilitam o desenvolvimento do psiquismo humano. Nesse ínterim, podemos salientar, inspirados em obras de Vigotski (1993; 1995; 2000; 2001; 2018), que a subjetividade do indivíduo é desenvolvida nas e pelas interações sociais. O biológico é essencial para o ser humano existir, para se ter os instintos, por exemplo, de sugar o leite, de chorar e, de forma geral, de sobreviver. No entanto, o que nos torna seres humanos individuais, únicos, complexos e subjetivos são as relações sociais, são os outros. Somos produtos e produtores no/do meio!

As leituras de Vigotski e de seus colaboradores potencializam a compreensão da subjetividade humana, uma vez que as obras desse teórico bielorrusso, desenvolvidas a partir do materialismo dialético de Marx e Engels, avançam e substanciam a caracterização do desenvolvimento do psiquismo humano.

Corroborando o exposto, Vigotski, parafraseando Marx, afirma que “[...] a natureza psicológica da pessoa é o conjunto das relações sociais, transferidas para dentro e que se tornaram funções da personalidade e formas de sua estrutura [...]” (VIGOTSKI, 2000, p. 27). O próprio Marx (2003, p. 233) assevera que “não é a consciência dos homens que determina o seu ser; ao contrário, é o ser social que determina a sua consciência”.

Ainda de acordo com Vigotski (2000), entendemos que o homem é uma personalidade social, ou seja, o conjunto de relações sociais, encarnado no indivíduo. Dessa forma, as funções psicológicas são construídas pela estrutura social. O exposto é corroborado por estudos de Vigotski e de Luria (1996) quando destacam que o ser humano se apropria das funções psicológicas superiores quando passa a relacionar suas características biológicas à cultura, de forma social. Assim, aprende a controlar as funções biológicas de uma forma cultural, por exemplo, passa a dominar a fome, a vontade de praticar o ato sexual e de fazer as suas necessidades fisiológicas de uma forma cultural. Nas falas de Vigotski (2000, p. 33) “o homem é o conjunto das relações sociais encarnado no indivíduo”.

Tendo Leontiev como interlocutor, salientamos que

[...] as transformações biológicas, transmitidas hereditariamente, não condicionam o desenvolvimento social-histórico do homem e da humanidade; [...] o processo de desenvolvimento é movido por outras forças e não pela ação das leis da evolução biológica e hereditariedade (LEONTIEV, 1976, p. 42).

De forma a complementar o que Leontiev assevera anteriormente, Barroco (2002, p. 3) nos diz que

Torna-se necessário [...] termos clareza de que a constituição de um indivíduo é dada... pelo modo como estabelece mediações com o mundo, pelo desenvolvimento das características objetivadas historicamente, e referendadas em diferentes épocas sob diferentes crivos.

Neste caminho, é importante dizer que, no processo de constituição dos indivíduos por meio das relações interpessoais, adquirimos as funções psicológicas superiores. Vigotski, ao tratar da natureza social dessas funções, salienta que

[...] se atrás das funções psicológicas estão geneticamente as relações das pessoas, então: 1) é ridículo procurar centros especiais para as funções psicológicas superiores ou funções supremas no córtex (partes frontais – Pavlov); 2) deve explicá-las não com ligações internas orgânicas (regulação), mas de fora – daquilo a que a pessoa dirige a atividade do cérebro de fora, através de estímulos; 3) elas não são estruturas naturais, mas construções; 4) o princípio básico do trabalho das funções psíquicas superiores (da personalidade) é social do tipo interação das funções (VIGOTSKI, 2000, p. 27).

Nesse mesmo caminho, Drago (2018) destaca que entendemos que o EU é constituído de inúmeras vozes, o EU também constitui tantos outros, o EU está em movimento constante de aprendizado e de desenvolvimento individual e coletivo.

Todas as funções psíquicas superiores estão relacionadas com a interiorização da ordem social, que são o fundamento da estrutura social da personalidade. Sua composição, estrutura genética e modo de ação, em uma palavra, toda a sua natureza é social; inclusive ao converter-se em processos psíquicos continuam sendo quase sociais (VIGOTSKI, 1995, p. 151).

De forma análoga, Silva (2009, p. 195) destaca: "por subjetividade entende-se o processo pelo qual algo se torna constitutivo e pertencente ao indivíduo de modo singular. É o processo básico que possibilita a construção do psiquismo".

Molon (2011, p. 68) destaca que

[...] a subjetividade manifesta-se, revela-se, converte-se, materializa-se e objetiva-se no sujeito. Ela é processo que não se cristaliza, não se torna condição nem estado estático e nem existe como algo em si, abstrato e imutável. É permanentemente constituinte e constituída. Está na interface do psicológico e das relações sociais.

É importante salientar que Vigotski, em seus escritos, não desconsidera o “eu”, ou seja, o que é genético e inato, mas advoga que o “eu” é constituído nas e pelas relações sociais, portanto, depende do olhar e da palavra do outro. Compreende, assim, que a subjetividade se estabelece na dialética das relações intra e interpsicológicas.

Corroborando o exposto, Molon (2011) enfatiza que Vigotski busca compreender o vivido por “dentro” que veio de “fora”, mas que não se cristaliza, não se torna estático ou estável, porém não é inefável nem indolor, pelo contrário, é significativamente sentido e vivido nas experiências, nas pausas, nas (in)determinações das in(ter)venções e nas situações em que o sujeito se posiciona. Coloca-se, então, o problema do outro: qual o alcance do outro, o que o outro capta, qual é o alcance de cada um, o que cada um capta. O olhar do outro sempre será diferente, mas precisa-se dele para se enxergar de forma diferente. Nessa perspectiva, o sujeito é uma unidade múltipla que se realiza na relação Eu-Outro; ou seja, é na relação com os outros e por ela, é na linguagem e por ela que alguém se constitui sujeito e é constituinte de outros sujeitos.

Apoiados em Rego (2010), advogamos que não há essência humana, a priori, imutável. A construção do conhecimento e a gênese das estruturas do pensamento de um sujeito se dão na interação com o mundo, com os demais indivíduos, ou seja, com os outros.

Nesse caminho, as características individuais estão impregnadas de relações simbiogênicas com o coletivo, ou seja, mesmo o que tomamos por mais individual de um ser humano, foi construído a partir de sua relação com o meio (e por meio entenda-se algo muito amplo, que envolve cultura, sociedade, práticas, mediação e interações) traduzindo a perspectiva histórico-cultural do desenvolvimento humano elucidada por Vigotski e intelectuais do seu círculo. Por meio da interação social, aprendemos e desenvolvemos, criamos novas formas de agir no mundo, ampliando nossas ferramentas de atuação neste contexto cultural complexo que nos recebeu, durante todo o ciclo vital (RABELLO; PASSOS, 2011).

Por esse prisma, Molon (2011) destaca que na obra de Vigotski a análise do sujeito não se limita a ordem do biológico e nem se localiza na ordem do abstrato, mas sim ao sujeito que é constituído e é constituinte de relações sociais. Neste sentido, o homem sintetiza o conjunto das relações sociais e as constrói.

Inspirados em Vigotski (1993) e Pino (2005), advogamos que a subjetividade é um processo dinâmico e dialético, baseado na história, na cultura e no contexto social dos indivíduos.

Além disso, de acordo com Molon (2011), Vigotski passou a ver a subjetividade de uma forma diferente, em detrimento das visões romântica e extremamente objetivas que se tinha desse conceito. Para a autora, Vigotski

olhou para a ciência psicológica de maneira diferente, acreditou que o eixo teórico-metodológico da psicologia, necessariamente, passaria pelo reconhecimento e valoração do sujeito. Criticou tanto as psicologias subjetivistas idealistas quanto as psicologias objetivistas mecanicistas, defendendo a unidade entre a psique e o comportamento, unidade, mas não identidade, e a correlação entre fenômeno subjetivo e fenômeno objetivo (MOLON, 2011, p. 18).

Nesse momento, cabe dizer que os estudos de Vigotski (1993) e de seus colaboradores, abriram caminho para uma psicologia que possibilitasse a construção de

um sujeito social, por meio da compreensão da constituição desse sujeito e da subjetividade na processualidade. Para isso, pesquisou os sistemas psicológicos que ocorrem no processo de individuação do homem (cuja culminância seria a subjetividade, agora em toda a sua plenitude), sendo que esse processo não desvincula o homem de sua inserção social e histórica em uma cultura. Em outras palavras, sujeito e subjetividade são constituídos e constituintes nas e pelas relações sociais (ROSSETTO; BRABO, 2009).

De acordo com o que foi exposto anteriormente, entendemos a subjetividade como a característica individual manifestada por um sujeito biológico que se dá a partir das relações sociais e culturais. Desse modo, o “eu” e o “outro” são complementares, uma vez que para ter a nossa subjetividade, dependemos das relações estabelecidas com os outros seres da minha espécie, logo, dependemos do outro e o outro depende de nós (do eu).

Por esse prisma, Gonzalez Rey (2003, p. 108) afirma que a subjetividade pode ser definida, "como a organização dos processos de sentido e significação que aparecem e se organizam de diferentes formas e em diferentes níveis do sujeito e na personalidade, assim como nos diferentes espaços sociais em que o sujeito atua". Nesse sentido, entendemos que a subjetividade é manifestação do individual e do social e é nessa intersecção individual/social, que os desafios no estudo da subjetividade tornam-se acirrados, uma vez que não se pode considerar a exclusão entre os processos individuais e sociais, pois implicam reciprocamente na constituição subjetiva do indivíduo e de sua sociedade (GONZÁLEZ REY, 2002).

Diante do exposto, cabe salientar que a constituição do sujeito passa pelo significado que o outro dá às ações que esse sujeito estabelece, mas, além disso, o próprio significado que o outro dá a essas ações é produto de todo um processo histórico e cultural. Assim, mais uma vez se percebe que a subjetividade do indivíduo se dá ao nível das relações deste com o outro (ROSSETTO; BRABO, 2013).

Algumas tecituras

Pensar a subjetividade a partir dos postulados de Vigotski não é um processo simples, haja vista que não podemos analisar uma citação isolada do autor, e sim suas obras em sua totalidade. Ademais, requer um olhar sensível e apurado sobre a

complexidade de suas obras e sobre a psicologia que ele defende. É uma psicologia que rompe com alguns paradigmas e requer muito estudo e compreensão do indivíduo e das relações interpessoais.

A partir da análise de alguns estudos que constam no bojo deste capítulo, pode-se inferir que estudar a constituição subjetiva em Vigotski requer um olhar sensível sobre o indivíduo, que é único em sua constituição identitária e subjetiva, porém sem deixar de lado a coletividade, ou seja, deve-se compreender um sujeito a partir das relações alteritárias e dialógicas que ele mantém em seu contexto sócio-cultural.

É fundamental dizer que Vigotski rompeu com as psicologias objetivistas, mas também criticava o subjetivismo e o idealismo. Assim, não podemos cair na armadilha de reduzir o sujeito apenas a um reflexo. Temos que compreender o sujeito como um sistema de reflexos que constituem a sua consciência, ou seja, os estímulos sociais são fundamentais para a constituição do “eu” subjetivo.

Nesse sentido, entendemos que compreender a subjetividade à luz da perspectiva histórico-cultural é considerar que um ser humano é biológico, possui seus genes e sua condição orgânica. Porém, o cérebro humano, quando o bebê nasce, é um “terreno fértil” e pouquíssimo desenvolvido. Isso abre uma gama de possibilidades de desenvolvimento do sujeito por meio das experiências sociais que lhe são propiciadas. Assim, para a subjetividade se manifestar “desta forma” ou de “outra forma”, experiências sociais e mediações semióticas e/ou pelos outros seres da mesma espécie ou até de outras espécies, devem ocorrer.

Em poucas palavras, assumindo a perspectiva histórico-cultural de Vigotski, de seus colaboradores e de estudiosos atuais, compreendemos que a subjetividade do “eu” se manifesta por meio do “outro”. Parafraseando Souza (2003), por meio do olhar e da palavra do outro, ou seja, por meio das relações dialógicas e por meio das experiências sociais e culturais. Para compreender efetivamente os processos de subjetivação do *Homo sapiens*, necessitamos de vários conceitos enunciados por Vigotski, a saber: mediação semiótica; mediação por meio dos outros; Zona de Desenvolvimento Iminente; Zona de Desenvolvimento Potencial; Zona de Desenvolvimento Real; Funções Psicológicas

Superiores; Processos de Internalização; Filogênese, Ontogênese, Sociogênese, Microgênese; construção do pensamento e da linguagem entre outros.

Referências

- BARROCO, S. M. S. Relações interpessoais na Sociedade contemporânea: interfaces da Exclusão. In: **Anais do Seminário de Pesquisa do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Maringá**. Maringá: UEM, 2002.
- DRAGO, R. Conversando com Vigotski: Poesia, Bíblia e Profecia. In: DRAGO, R. ARAÚJO, M. P. M. **Educação Especial e Educação Inclusiva: Teoria, Pesquisa e Prática**. São Carlos: Pedro&João. 2018.
- GONZÁLEZ REY, F. **O social na psicologia e a psicologia social**. Petrópolis: Vozes, 2004.
- GONZÁLEZ REY, F. **Pesquisa qualitativa em psicologia – caminhos e desafios**. São Paulo: Thomson, 2002.
- GONZÁLEZ REY, F. **Sujeito e subjetividade**. São Paulo: Thomson, 2003.
- LEONTIEV, A. **O homem e a cultura**. Lisboa: Iniciativas Editoriais, 1976.
- MARX, K. Teoria e processo histórico da revolução social. In: FERNANDES, F. (Org.) **Marx e Engels**. São Paulo: Ática, 2003.
- MOLON, S. I. **Subjetividade e constituição do sujeito em Vygotsky**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.
- PINO, A. **As marcas do humano: as origens da constituição cultural da criança na perspectiva de Lev S. Vigotski**. São Paulo: Cortez, 2005.
- RABELLO, E. T.; PASSOS, J. S. **Vygotsky e o desenvolvimento humano**. 2011. Disponível em <http://www.josesilveira.com>. Acesso em: 18 ago. 2019.
- REGO, T. C. **Vygotsky- Uma Perspectiva Histórico Cultural da Educação**. Rio de Janeiro: Vozes, 2010.
- ROSSETTO, E.; BRABO, G. A constituição do sujeito e a subjetividade a partir de Vygotsky: Algumas reflexões. **Revista travessias**. Paraná. 2009. Disponível em: <http://e-revista.unioeste.br/index.php/travessias/article/view/3238>. Acesso em: 03 jun. 2019.
- SILVA, F. G. da. Subjetividade, individualidade, personalidade e identidade: concepções a partir da psicologia histórico-cultural. **Psic. da Ed.**, São Paulo, 28, 2009, pp. 169-195.
- SOUZA, S. J. e. Dialogismos e alteridade na utilização da imagem técnica em pesquisa acadêmica: questões éticas e metodológicas. In: FREITAS, M. T. F.; SOUZA, S. J. e; KRAMER, S. **Ciências Humanas e Pesquisa**. 1. ed. São Paulo: Cortez, 2003.
- VIGOTSKI, L. S. **A tragédia de Hamlet, príncipe da Dinamarca**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- VIGOTSKI, L. S. **Manuscrito de 1929: psicologia concreta do homem**. Educação e Sociedade, ano XXI, n. 71, jul./2000.
- VIGOTSKI, L. S. **Obras Escogidas - Tomo II – Problemas de Psicología General**. Madrid: Visor Distribuciones, 1993.
- VIGOTSKI, L. S. **Obras Escogidas**. Tomo III. Madrid: Visor/MEC, 1995.

VIGOTSKI, L. S. **Psicologia pedagógica**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

VIGOTSKI, L. S. **Sobre os Fundamentos da Pedagogia**. 1 ed. Rio de Janeiro: E-Papers, 2018.

VYGOTSKI, L. S., LURIA, A. R. **Estudos sobre a história do comportamento: o macaco, o primitivo e a criança**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

SOBRE OS AUTORES:

Michell Pedruzzi Mendes Araújo

Possui pós-doutorado em Ensino de Biologia (ProfBio- UFES/ UFMG). Doutor e mestre em Educação pela Universidade Federal do Espírito Santo. Possui graduação em ciências biológicas pela Universidade Federal do Espírito Santo e graduação em pedagogia pelo Centro Universitário de Maringá. É professor adjunto da Universidade Federal de Goiás.

Sabrina da Silva Machado Trento

Doutoranda e mestra em Educação pela Universidade Federal do Espírito Santo. Licenciada em Educação Física pela Universidade Federal do Espírito Santo e em pedagogia pela Universidade de Uberaba. É Diretora escolar na Prefeitura Municipal da Serra- ES.

Rogério Drago

Possui pós-doutorado em Educação (PPGE- UFES). Doutor em Educação pela PUC-RJ. Mestre em Educação (UFES). Pedagogo (UFES). É professor associado do Centro de Educação e do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFES.